

SE NÃO ME ENGANO ESTÁ SE GRAMATICALIZANDO?¹

Táisa Peres de OLIVEIRA²

- RESUMO: Neste artigo analiso a oração condicional *Se não me engano*, tendo como base a teoria da gramaticalização. Assim, proponho discutir a recente premissa de que esse tipo de oração condicional vem se gramaticalizando no português do Brasil com a função de modalizador epistêmico.
- PALAVRAS-CHAVE: Oração condicional; gramaticalização, modalização epistêmica; construção de contexto-específico.

Introdução

Recentemente, em um estudo sobre as orações condicionais no português (OLIVEIRA, 2004a), aponte para o fato de que as condicionais *Se não me engano* podem estar se gramaticalizando no português brasileiro. Tendo em vista essa afirmação, neste artigo analiso esse tipo de oração condicional, a fim de averiguar seu atual estatuto nessa língua. Com base em pressupostos funcionalistas, principalmente aqueles desenvolvidos pela teoria da gramaticalização, investigo as propriedades formais e funcionais desse tipo de construção. Por meio da análise realizada aqui é possível identificar algumas especificidades na configuração formal e semântica da condicional *Se não me engano* que, neste trabalho, é entendida como uma construção de contexto-específico (TRAUGOTT, 2003), com a função de modalizador epistêmico.

A condicional *Se não me engano*

Em Oliveira (2004a), mostrei que as orações condicionais com estrutura *Se não me engano* podem ser usadas para expressar polidez.³ Defendi que esse

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada *A manifestação da polidez nas orações condicionais do português do Brasil*, defendida no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, sob orientação da Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner. Projeto financiado pela CAPES.

² UNESP – Grupo de Estudos em Gramática Funcional – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil.
Endereço eletrônico: taisaoliveira@yahoo.com

tipo de condicional licencia uma estratégia de descomprometimento, ao permitir que o falante demonstre sua incerteza em relação ao conteúdo proposicional veiculado pela oração núcleo. É o que se vê no seguinte exemplo:

- (1) Quais as ligações? não ouvir e falar? ela não ouve, mas fala? bom, isso aí pode tem conheço um caso aqui na universidade, que é o, **se eu não me engano**, ele é o presidente do, associação ou sindicato dos surdos e mudos (DID/09/PA)

Conforme discuti nesse estudo, em casos como ilustrado em (1), o falante coloca seu enunciado sob o domínio do valor de incerteza, descomprometendo-se, dessa maneira, com a verdade dessa proposição. Esse tipo de condicional é utilizado para afastar potenciais riscos à face do falante caso seja constatada a não-verdade de seu enunciado, daí a construção do efeito de sentido da polidez.⁴

Ainda nesse trabalho, discuti que as orações condicionais *Se não me engano* podem ser entendidas como uma espécie de modalizador epistêmico. Tal premissa está assentada no fato de que a modalidade epistêmica é definida “como os meios lingüísticos pelos quais o falante revela seu comprometimento em relação à verdade da proposição” (DALL’AGLIO-HATTNER et al, 2001, p.109). Daí pode-se afirmar que, nos casos em que o falante utiliza a oração condicional para descomprometer-se com a verdade do conteúdo expresso pela oração núcleo, a oração condicional atua como modalizador epistêmico daquelas orações em que ocorre.⁵

A relação entre modalização (principalmente a epistêmica) e condicionalidade foi apontada por autores diversos, tais como Traugott (1985), Comrie (1986), Wakker (1994), Givón (1994) e Dancygier (1998). Acredito que esta relação esteja ligada principalmente ao fato de que o sentido da própria conjunção **se** evoca o valor da irrealidade, isto é, ao introduzir uma informação por meios hipotéticos o falante explicita o caráter irreal/não-verdadeiro do conteúdo por ele enunciado.⁶

No entanto, no caso das condicionais *Se não me engano*, o valor de incerteza que figura nessas orações não parece ser decorrente apenas do sentido atualizado

³ Para uma discussão mais detalhada do tema, ver Oliveira (2004a) e Oliveira (2005a).

⁴ Para melhor compreensão sobre o conceito de **polidez** e **face**, ver Brown e Levinson (1987), Oliveira (2004a, 2004b).

⁵ Wakker (1994) propõe uma análise diferente para as condicionais *If I'm not mistaken* do inglês – estrutura semelhante às *Se não me engano*. Essa autora classifica esse tipo de condicional como **satélite fonte**, considerando que a condicional faz referência à fonte do conteúdo proposicional enunciado. Nesse caso, a condicional seria um tipo de modalizador evidencial. No entanto, não acredito ser esse o caso, já que pela condicional o falante não se coloca como fonte da informação enunciada, mas apenas indica sua incerteza acerca da verdade dessa informação. Ou seja, nesse caso o falante se manifesta sem se comprometer com o enunciado.

⁶ Esse fato foi discutido entre outros por Comrie (1986) e Givón (1994). Comrie sugere que, ao conceber um enunciado hipoteticamente, o falante já expressa sua incerteza em relação à realidade/verdade desse enunciado. Givón, em um estudo sobre o modo subjuntivo e a categoria *irrealis*, afirma que as condicionais são um dos mecanismos de expressão do sub-modo epistêmico da incerteza.

pela conjunção condicional. A expressão da modalização epistêmica que se verifica nesse tipo de construção emerge da relação estabelecida entre os vários elementos que compõem essa condicional.

Como foi mencionado na introdução deste artigo, em Oliveira (2004a) afirmei que as condicionais *Se não me engano* podem estar passando por um processo de gramaticalização. Ao analisar os aspectos formais desse tipo de construção, verifiquei que essas construções realizam-se como uma espécie de expressão cristalizada, sendo possível inclusive observar algumas diferenças entre essas condicionais e condicionais comuns. No entanto, nenhum tipo de teste foi aplicado para avaliar o real estatuto dessas construções no português do Brasil, o que faço a partir deste momento, após uma breve consideração sobre a teoria da gramaticalização.

Uma nota sobre a gramaticalização

Bybee (2003, p.146) afirma que “Gramaticalização é usualmente definida como o processo pelo qual um item lexical ou uma seqüência de itens se tornam um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo”.⁷ Outros autores definem gramaticalização como sendo um processo que “[...] envolve a evolução de formas lexicais para gramaticais e de gramaticais para formas mais gramaticais ainda”⁸ (HEINE; KUTEVA, 2002, p.377).⁹ Uma terceira definição é oferecida por Traugott e König (1991, p.208), afirmando que a gramaticalização

[...] refere-se primariamente ao processo dinâmico, histórico, unidirecional pelo qual itens lexicais no curso do tempo adquirem um novo status como gramaticais, formas morfossintáticas e no processo passam a codificar relações que ou não eram codificadas antes ou eram codificadas diferentemente.¹⁰

Ou seja, no geral a gramaticalização é definida, grosso modo, como um processo que leva à mudança de um item lexical para um item gramatical, ou

7 “Grammaticalization is usually defined as the process by which a lexical item or a sequence of items becomes a grammatical morpheme, changing its distribution and function in the process.”

8 “[...] concerns the evolution from lexical to grammatical forms and from grammatical to even more grammatical forms.”

9 As definições apresentadas aqui não são consensuais. Os diversos autores que se ocupam do fenômeno conhecido como gramaticalização nem sempre concordam com o modo como definir a gramaticalização.

10 “[...] refers primarily to the dynamic, unidirectional historical process whereby lexical items in the course of time acquire a new status as grammatical, morpho-syntactic forms, and in the process come to code relations that either were not coded before or were coded differently.”

de um item gramatical para uma forma mais gramatical ainda. Em outras palavras, gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical adquire significado gramatical. Diversos autores têm se dedicado ao estudo da gramaticalização, entre tantos que se poderia mencionar estão Heine e Traugott (1991), Lehmann (1995), Traugott (1989, 1995, 2003), Hopper e Traugott (1993), Bybee (2003).

Apesar das diferenças que se observa no modo como concebem o fenômeno, os autores afirmam que a gramaticalização é um processo gradual e lento. Em geral, os autores propõem um *cline* de mudança a partir do qual é possível avaliar a evolução do item que se tem sob exame. Um exemplo de *cline* é apresentado em seguida, extraído de Hopper e Traugott (1993, p.7):

Item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional¹¹

Cabe esclarecer que, com tantos autores e definições a respeito do que seria a gramaticalização, o *cline* de mudança apresentado não é consensual entre os diversos teóricos que se ocupam desse fenômeno. Outros autores apresentam uma visão diferente a respeito dos “estágios” pelos quais um item lexical passa quando está evoluindo para uma forma gramatical.

Ao estudar o desenvolvimento de valores epistêmicos, Traugott (1989, 1995) discute que um aspecto importante no processo da gramaticalização de itens e construções é o que a autora chama de subjetificação. De acordo com essa autora (1995, p.31), subjetificação “[...] refere-se ao processo pragmático-semântico pelo qual ‘significados se tornam altamente baseados no estado de crença/atitude subjetiva do falante em relação à proposição’”¹²

Traugott entende que o aumento da subjetificação pode levar à gramaticalização de um item ou de uma construção. Nesse processo, os significados de uma palavra ou expressão seguem uma tendência de mudança, que pode ser observada no seguinte contínuo formulado pela autora (TRAUGOTT, 1989, p.31):

proposicional > ((textual) > (expressivo))¹³

De acordo com o contínuo proposto, Traugott prevê que o aumento da subjetificação leva a evolução de valores proposicionais (associados à proposição)

¹¹ Content item > grammatical word > clitic > inflectional affix

¹² “[...] refers to a pragmatic-semantic process whereby ‘meanings become increasingly based in the speaker’s subjective belief state/attitude toward the proposition’”.

¹³ propositional > ((textual) > (expressive))

a significados textuais (mecanismos de estruturação de texto) e desses a significados expressivos (valores associados ao ato de fala).

A respeito do papel da subjetificação no processo de gramaticalização, Traugott (1989) fala ainda de três tendências de gramaticalização:

- **Tendência I:** significados baseados na situação externa > significados baseados na situação interna (percebida/cognitiva)
- **Tendência II:** significados baseados na situação externa ou interna > significados baseados na situação textual e metalingüística
- **Tendência III:** significados tendem a se tornar altamente embasados na avaliação subjetiva (crenças/attitudes) em relação à proposição.

Traugott (1995, p.48) alega que a subjetificação não opera isoladamente no processo de gramaticalização de uma estrutura lingüística qualquer. Ao contrário, vários processos coexistem e se correlacionam na trajetória de gramaticalização de uma expressão ou palavra. Para observar essa correlação a autora postula vários contínuos, que apresento abaixo:

Função proposicional	→ função discursiva
Significado objetivo	→ significado subjetivo
Modalidade não-epistêmica	→ modalidade epistêmica
Sujeito não-sintático	→ sujeito sintático
Sujeito sintático	→ sujeito falante
Forma plena, livre	→ forma presa ¹⁴

É com base nos pressupostos discutidos nesta seção que pretendo avaliar o estatuto das orações condicionais *Se não me engano* a fim de verificar se elas se encontram, de fato, em processo de gramaticalização no português do Brasil, como foi sugerido em Oliveira (2004a).

De condição para modalização atitudinal

Uma oração condicional qualquer se caracteriza por criar um contexto hipotético dentro do qual o conteúdo/informação contido na oração principal se valida ou é considerado comunicativamente relevante. Segundo mostram

¹⁴ Propositional function → discourse function
Objective meaning → subjective meaning
Non-epistemic modality → epistemic modality
Non-syntactic subject → syntactic subject
Syntactic subject → speaking subject
Full, free form → bonded form

autores diversos (SWEETSER, 1990; DIK et al, 1990; DANCYGIER, 1998; HARDER, 1996; PÉREZ QUINTERO, 2002), as orações condicionais podem qualificar um estado-de-coisas, um conteúdo proposicional ou um ato de fala. É o que ilustram os casos abaixo:

- (2) Se chover vai molhar a roupa.
- (3) Se eles vierem, não irão mais viajar amanhã.
- (4) Se tiver fome tem bolo no armário.

Nos exemplos (2)-(4) tem-se, respectivamente, uma condicional qualificando um estado-de-coisas, uma proposição e um ato de fala. Em todos esses casos a oração condicional é responsável por criar um quadro de referência dentro do qual o estado-de-coisas é entendido como real, a proposição como verdadeira e o ato de fala como comunicativamente relevante.

Como já discuti neste trabalho, no caso das condicionais *Se não me engano* é possível observar outro sentido afora o sentido condicional usual. A oração *Se não me engano*, além de promover um contexto dentro do qual uma proposição deve ser considerada verdadeira – função primária que uma oração condicional realiza no nível da proposição – ela também exprime a incerteza do falante em relação à verdade dessa proposição. É o que exemplificam os seguintes casos:

- (5) então fizeram... quatro ou cinco departamentos de medicina... cirurgia... neuropsiquiatria... e **se não me engano** pediatria e puericultura... é um departamento a parte... então (DID/231/SA)
- (6) e **se eu não me engano**, ainda continua aquele mesmo processo primitivo, não é? da pessoa fazer o talho na... (D2/95/SA)
- (7) era bem grande e não sei como elas estão... foi em São Paulo... **se eu não me engano**... (DID/RJ/373)

Em exemplos como (5)-(7), a oração condicional revela a atitude do falante em relação à verdade da proposição enunciada, no caso em questão revelando sua incerteza a respeito da verdade dessa proposição. Nesses casos, é possível afirmar que a oração condicional *Se não me engano* é mais subjetiva que orações condicionais como aquelas exemplificadas em (2)-(4), já que apresenta marcas da atitude do falante que a enuncia.

A diferença observada entre o conjunto (2)-(4) e o conjunto (5)-(7) se deve ao processo de subjetificação que atua sobre o sentido veiculado pela condicional *Se não me engano*. Em uma construção condicional comum, verifica-se que a

condicional expressa hipoteticidade e coloca um enunciado (a oração principal) como dependente da condição por ela expressa. Por outro lado, na construção *Se não me engano* verifica-se a manifestação subjetiva de incerteza epistêmica, diferente do valor condicional original.

Em outras palavras, na condicional *Se não me engano*, o sentido da oração condicional vai da indicação de uma situação hipotética à indicação da atitude do falante, devido à subjetificação do sentido manifesto por ela. De fato, na condicional *Se não me engano*, o sentido condicional – ainda que presente – se torna secundário, e a atitude epistêmica do falante constitui o sentido de maior proeminência nessas construções. Essa evolução de sentidos observada na condicional *Se não me engano* pode ser mais bem compreendida pelo contínuo que proponho abaixo:

Oração condicional comum		Condicional <i>Se não me engano</i>
Significado baseado na situação interna (cognitiva)	>	Significado baseado na atitude do falante

A evolução do sentido que se observa nas condicionais *Se não me engano* segue a Tendência III formulada por Traugott (1989), segundo a qual significados tendem a se tornar cada vez mais embasados na avaliação subjetiva do falante. A esse ponto já parece claro o fato de a condicional *Se não me engano* estar passando pelo processo da subjetificação, já que além da condicionalidade ela manifesta também a atitude do falante. No entanto, subjetificação não pressupõe gramaticalização, isto é, ambos podem ocorrer independentemente um do outro. Dessa forma, resta, ainda, verificar se de fato as condicionais *Se não me engano* estariam se gramaticalizando no português do Brasil.

***Se não me engano* está se gramaticalizando?**

O objeto de estudo que analiso neste artigo – a expressão *Se não me engano* – certamente não configura um caso clássico de gramaticalização e muitos dos critérios apontados pelos autores para avaliar o grau de gramaticalização de um item ou expressão não se aplicam ao caso dessa condicional.

O estudo da condicional *Se não me engano* revela que não há mudança categorial, isto é, a oração condicional continua sendo uma oração adverbial. Ou seja, a condicional *Se não me engano* constitui uma oração subordinada, de valor semântico condicional, que é usada para oferecer uma condição em que a oração núcleo se valida. Tampouco é possível afirmar que a condicional perdeu seu sentido original, ou seja, não há o que os autores chamam de *bleaching* ou esvaziamento/desbotamento semântico. Pensar na abstratização de sentido é,

acredito, uma questão ainda mais complexa nesse caso, uma vez que não há como atestar que condicionalidade é menos abstrata que modalidade epistêmica. Ao contrário, há estudos que mostram que os marcadores de modalização epistêmica constituem uma das fontes para o surgimento de marcadores condicionais (TRAUGOTT, 1985), o que sugere o fato de a condicionalidade pertencer a um domínio mais abstrato que a modalidade.

No entanto, por outro lado, a condicional *Se não me engano* apresenta outros aspectos que, a princípio, parecem confirmar o fato de elas estarem se gramaticalizando. No que diz respeito aos processos que co-ocorrem com a subjetificação, a oração condicional *Se não me engano* é afetada por alguns deles.

Conforme mostrei na seção anterior, a condicional *Se não me engano* expressa um sentido altamente subjetivo, ou seja, ela manifesta a atitude do falante que a enuncia. Dessa forma, nessa construção verifica-se que o sujeito da oração não diz respeito apenas ao sujeito sintático, mas ao sujeito falante, já que a construção revela suas atitudes e crenças. Além disso, como já discuti, a oração *Se não me engano* entra no domínio da modalidade epistêmica, uma vez que a condicional realiza-se como uma estratégia por meio da qual o falante se manifesta, explicitamente, acerca da verdade de seu enunciado.

Outro aspecto bastante relevante é o fato de essas construções se realizarem como uma estrutura cristalizada, fechada, já que modificações de qualquer natureza afetam seu sentido. Na condicional *Se não me engano*, a primeira pessoa do singular é selecionada e nenhuma das outras possibilidades que figuram o paradigma de pessoa verbal é admitida sem que haja perda da expressão de modalização subjetiva. É o que mostram os seguintes exemplos:

- (8a) **Se eu não me engano** é no terceiro capítulo que ele conhece sua amada.
- (8b) **Se ele não se engana** é no terceiro capítulo que ele conhece sua amada.
- (8c) **Se você não se engana** é no terceiro capítulo que ele conhece sua amada.
- (8d) **Se nós não nos enganamos** é no terceiro capítulo que ele conhece sua amada.

Em (8b)-(8d) a oração não mais apresenta marcas de subjetividade e, dessa forma, não há expressão de modalização epistêmica. Além disso, as modificações na flexão de número-pessoa do verbo não chegam a tornar a oração agramatical para o sistema da língua portuguesa, mas causam certa estranheza. Do mesmo modo, modificações na flexão modo-temporal do verbo também parecem causar danos ao sentido de modalização epistêmica, como se vê nos seguintes casos.

(9a) **Se não me engano** ele viajou ontem para Paris.

(9b) **Se não me enganei** ele viajou ontem para Paris.

(9c) **Se não me enganarei** ele viajou ontem para Paris.

É importante ressaltar ainda que a configuração modo-temporal da condicional *Se não me engano* apresenta total independência em relação aos tempos e modos verbais usados na oração núcleo. Em uma construção condicional comum, a referência temporal da oração condicional é dependente da referência temporal da oração núcleo, ou seja, a referência temporal da condicional (de futuro ou de passado) segue, necessariamente, a referência temporal da oração núcleo.¹⁵ É o que se vê nos exemplos em seguida.

(10a) ***Se recebe** o dinheiro ele **vaijou** para Paris.

(10b) ***Se recebe** o dinheiro ele **tinha viajado** para Paris.

(10c) Se **recebe** o dinheiro ele **viaja** para Paris.

(10d) Se **recebe** o dinheiro ele **viajará** para Paris.

Em (10a) e (10b), para que a construção seja gramatical no português, a condicional deveria se apresentar com tempos de referência de passado, seguindo a referência de passado contida na oração núcleo. Isso não é verdade para a condicional *Se não me engano*, que pode relacionar-se a orações núcleo com referência de futuro ou de passado sem que a construção como um todo seja considerada agramatical na língua portuguesa. É o que ilustram os seguintes exemplos:

(11a) **Se não me engano** ele **vaijou** para Paris.

(11b) **Se não me engano** ele **tinha viajado** para Paris.

(11c) **Se não me engano** ele **viaja** para Paris.

(11d) **Se não me engano** ele **viajará** para Paris.

Em (11a) e (11b), ainda que a oração núcleo se apresente, respectivamente, com o pretérito perfeito e com o perfeito composto, fazendo, portanto, referência de passado, a oração condicional segue utilizando o presente do indicativo, que, na condicional, faz referência futurística. Tal fato ocorre porque a condicional

¹⁵ Cf. Oliveira (2005b).

Se não me engano não está atrelada à oração núcleo pelo sentido condicional usual, manifestando, assim, independência temporal em relação a ela.

Outro fato revelador diz respeito à flexibilidade de posição que a condicional *Se não me engano* demonstra. Conforme mostram os dados que analisei em Oliveira (2004a), a condicional *Se não me engano* ocorre preferencialmente na posição intercalada. Essa preferência pela posição medial contraria a literatura que aponta uma tendência geral para a condicional se antepor à oração núcleo e que sugere, ainda, que a intercalação da condicional é a posição menos freqüente para a condicional ocorrer.¹⁶

Por fim, é preciso mencionar o fato de que a condicional *Se não me engano* parece estar sofrendo redução de material fônico, já que, na maioria dos casos analisados em Oliveira (2004a), a condicional se realiza sem o pronome de primeira pessoa **eu**. Essa flutuação entre a realização ou não do pronome **eu** pode ser observada nas ocorrências em seguida:

- (8) O outro caminho era a Voluntários da Pátria, o nome das ruas veio inclusive de moradores, a D. Bambina era uma filha do Marquês de Olinda, **se não me engano**. Então a gente entende a nomenclatura sim porque eram, grandes propriedades, eram grandes chácaras o que havia aí né, que, foram depois abertas. (DID/RJ/133/REC)
- (9) era bem grande e não sei como elas estão... foi em São Paulo... **se eu não me engano**... (DID/RJ/373)

As questões levantadas aqui mostram que a condicional *Se não me engano* apresenta três dos aspectos sugeridos por Traugott (1995), a saber, expressão de significado subjetivo, expressão de modalização epistêmica e manifestação do sujeito falante. Além disso, a condicional em exame mostra perda de algumas propriedades de sua categoria inicial, apresentando maior liberdade de posição e independência de referência temporal. Ao mesmo tempo, o verbo *enganar* que figura na condicional demonstra restrições morfossintáticas, na medida em que alterações de pessoa e tempo não são permitidas. Tais fatos se encaixam no que os teóricos chamam de decategorização, processo que uma expressão sofre ao passar pela gramaticalização. Não deixando de mencionar, também, a redução de substância fônica. Para melhor recapitular os diversos aspectos avaliados, apresento o quadro a seguir.

¹⁶ (Cf. FERREIRA, 1997; HIRATA, 1999; NEVES, 1999)

	Mudança de categoria	Redução de substância fônica	<i>Bleaching</i> ou esvaziamento semântico	Abstratização de sentido	Decategorização	Função discursiva	Significado subjetivo	Modalidade epistêmica	Sujeito sintático	Sujeito falante	Forma presa
<i>Se não me engano</i>	-	+	-	-	+	-	+	+	-	+	+

Quadro 1 – Traços da condicional *Se não me engano*¹⁷

O quadro acima ilustra, resumidamente, o que afirmei nas linhas anteriores. Isto é, o estudo da condicional *Se não me engano* revela que essa construção apresenta tanto traços que confirmam o fato de ela estar se gramaticalizando como aspectos que negariam tal suposto.

No entanto, antes de chegar a alguma conclusão, resta ainda uma questão para a qual gostaria de chamar atenção. Ainda que a condicional *Se não me engano* manifeste vários dos aspectos que sofre um item que passa pelo processo da gramaticalização, ela não apresenta mudança. Ou seja, não é possível identificar um estágio anterior em que a condicional *Se não me engano* seja menos subjetiva, em que o sujeito sintático e o sujeito falante não coincidam, em que ela não expresse modalização epistêmica, em que não se verifique decategorização e em que sua forma não seja fechada. Tais aspectos somente podem ser avaliados quando comparamos a condicional *Se não me engano* em relação a uma oração condicional qualquer.

Dessa forma, neste momento me parece pertinente levantar a seguinte questão: gramaticalização necessariamente implica mudança? A resposta a essa pergunta vai depender do modo como se concebe a gramaticalização. Para Traugott (2003), quando uma expressão assume uma função específica em um contexto determinado, tal expressão se gramaticaliza com essa função. É o que essa autora define como **construções de contexto-específico** (*specific-context constructions*).

É o que, acredito, ocorre com a condicional *Se não me engano*. Nesse caso, os elementos que compõem a oração condicional se gramaticalizam em uma construção de contexto-específico com função de expressão atitudinal, tornando a oração condicional em uma estrutura fechada e com maior liberdade de posição. Em outras palavras, quando a oração condicional é introduzida pela conjunção **se** combinada com o verbo **enganar** flexionado na primeira pessoa

¹⁷ No quadro, “-” indica ausência do traço e “+” indica presença do traço.

do singular e no presente do indicativo, a condicional se gramaticaliza em uma expressão atitudinal. Nesse contexto específico, a oração *Se não me engano* vai de oração condicional para oração de expressão atitudinal.

Considerações finais

As conclusões que apresento aqui de forma alguma encerram o tema. Ainda que tenha demonstrado que a condicional *Se não me engano* em determinados contextos se gramaticaliza com a função de modalizador epistêmico, resta, ainda, investigar a relação cada vez mais evidente entre modalidade e condicionalidade. E é sobre esse tema que gostaria de chamar minha atenção nestas considerações finais.

A função de modalização epistêmica não é específica da condicional *Se não me engano*, embora essa estrutura seja a mais freqüente no português do Brasil. Além dessa condicional, o sentido de modalização epistêmica pode surgir em outras condicionais, tais como *Se estou lembrado* e *Se essa minha premissa é correta*. Também nesses casos, acredito, a oração condicional se gramaticaliza em uma construção de contexto-específico com função de modalizador epistêmico. Isso aponta para a questão sobre qual seria, de fato, o contexto que propicia o surgimento dessas construções. A princípio me parece correto dizer que esse contexto se formaria da condicional iniciada por **se** associada a marcas de primeira pessoa. Esse fato remonta a uma afirmação que fiz na segunda seção deste artigo, quando disse que o sentido da própria conjunção **se** evoca o valor da irrealidade. Acredito que esse sentido veiculado pela conjunção **se** é primordial para o licenciamento do tipo de modalização epistêmica que se verifica nas expressões que foram analisadas neste estudo.

A oração condicional, em si, já carrega certo sentido de modalização epistêmica, uma vez que por meio dela o falante concebe um evento como não-real e uma proposição como não-verdadeira. Ou seja, ao enunciar um período em termos hipotéticos o falante já demonstra sua incerteza em relação à realidade/verdade desse enunciado. Ao combinar essa “incerteza” com marcas de subjetividade é que, acredito, faz surgir a expressão atitudinal que se verifica em expressões como *Se não me engano* e as outras que foram mencionadas aqui.

Para finalizar, gostaria apenas de reafirmar que condicionalidade e modalidade constituem dois domínios semânticos com um ponto de sobreposição e que muito pouco foi explorado a esse respeito. O estudo que realizei aqui mostrou apenas que uma oração condicional específica pode se gramaticalizar com função de modalizador epistêmico, mas as raízes que sustentam essa possibilidade – ou seja, o lugar comum entre modalidade e condicionalidade – ainda permanecem para serem descobertas.

OLIVEIRA, T. P. Is the construction *Se não me engano* grammaticalizing? *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.179-193, 2008.

- **ABSTRACT:** *In this paper I analyze the Se não me engano (If I'm not mistaken) construction, taking into account the Theory of Grammaticalization. Through the discussion carried out here I review the recent claim that this clause is undergoing a grammaticalization process in Brazilian Portuguese as an epistemic modal.*
- **KEYWORDS:** *Conditional clause; grammaticalization; epistemic modality; specific-context constructions.*

Referências

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. Cognitive Process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003. v. 2, p.145-167.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUOGOTT, E. C. et al. (Ed.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p.77-99.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. et al. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001. p.103-143.

DANCYGIER, B. *Conditionals and predication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. (Cambridge Studies in Linguistics).

DIK, S. C. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Ed.). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam: John Benjamins, 1990. p.25-70.

FERREIRA, A. B. F. *A variação posicional das orações condicionais: uma análise funcional-discursiva*. 1997. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1997.

GIVON, T. Irrealis and the subjunctive. *Studies in Language*, Amsterdam, v.18, p.265-337, 1994.

HARDER, P. *Functional semantics: a theory of meaning, structure and tense in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

HEINE, B.; KUTEVA, On the evolution of grammatical forms. In: WRAY, A. (Ed.). *The Transition to Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.376-397.

HEINE, B.; TRAUGOTT, E. C. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. 2 v.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1999. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. München: Lincom Europa, 1995.

NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. v. 7.

OLIVEIRA, T. P. de. *A manifestação da polidez nas orações condicionais*. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004a.

_____. Polidez e linguagem: perspectivas. *Signótica*, Goiânia, v.16, n.12, p.271-288, 2004b.

_____. Condicionais, polidez e atenuação. *Alfa*, São Paulo, v.49, n.1, p.123-137, 2005a.

_____. A natureza semântica interna de construções hipotéticas no português do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4., Brasília, 2005. *Anais...* Brasília, ABRALIN, 2005b. p.1473-1478.

PÉREZ QUINTERO, M. J. *Adverbial subordination in English: a functionalist approach*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. (Cambridge Studies in Linguistics, 54).

TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.289-307.

_____. On the rise of epistemic meanings. *Language*, v. 65, n. 1, p.31-55, 1989.

_____. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Ed.). *Subjectivity and subjectivization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.31-54.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JANDA, R. D.; JOSEPH, B. D. (Ed.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p.624-647.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: HEINE, B.; TRAUGOTT, E. C. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p.189-218.

WAKKER, G. *Conditions and conditionals: an investigation of ancient Greek*. Amsterdam: Gieben, 1994.

Recebido em novembro de 2007

Aprovado em fevereiro de 2008